

Introdução

Talvez, uma das primeiras coisas que se ouve sobre Deus é que “a quem fizer algo errado, Deus vai castigar”... O que, talvez, não percebemos de imediato é como essa imagem vai instigando um relacionamento de medo ante um Deus-juiz-vigia... Não apenas pais, catequistas, em outras épocas até professores faziam questão desse que talvez seja um dos primeiros instrumentos religiosos de controle comportamental. Mas a Igreja, enquanto instituição, por muito tempo também dele se utiliza como método de justificação.

Entretanto, mesmo sem superar essa deformação do temor respeitoso em puro medo, logo se aprende ainda que, se você realmente precisa de alguma coisa, basta rezar *com fé* e pedir a Deus, que Ele *se compadecerá e lhe concederá o pedido*. Não só aprendemos a ter medo de um Deus que vigia, mas agora o transformamos numa espécie de “gênio da lâmpada mágica”, que precisa de um condicionante – nossa oração *com fé* – para sentir pena e atender nosso desejo. Não são só esses aspectos *desumanizantes* do relacionamento com Deus que merecem atenção, mas a tendência implícita nessa compreensão de *barganhar com Deus*. Como se tivéssemos algo a lhe oferecer, ou como se precisássemos *tocar* seu coração com nossos oferecimentos.

Outro fenômeno ainda parece apontar para a crença de que Deus, ou pelo menos a experiência de Deus, só é real se *e enquanto se* sente alguma coisa. Por mais explícitos que possam ser os problemas de uma busca sentimentalista de Deus, seu apelo parece realmente significativo, principalmente num contexto pós-moderno, de realidades, instâncias e critérios cada vez mais *líquidos*.

Talvez uma das imagens mais essenciais seja a que mais tenha algo a dizer *ainda* de Deus: Deus é Amor! Isso porque, se a crise de compreensão não toca fatalmente o sentido dessa proposição, afeta o significado mesmo da palavra *amor*. Seja uma poesia superficial, uma literatura descomprometida ou um romantismo supérfluo, tudo contribui para tornar o amor cada vez mais *abstrato*, platônico ou irônico, desde que *bonitinho* e agradável. Abandona-se o *ágape*-serviço, doação, entrega. Mas, no entanto, Deus continua sendo Amor, e essa talvez ainda seja uma das melhores formas de nos referirmos a Ele, embora talvez já não seja autoexplicativo como já o fora.

Cada uma dessas *imagens* de Deus e tantas outras tem certamente o seu valor. Mas somente enquanto *imagens*. E como tal, parciais, limitadas e contingenciais. Nosso objetivo não será estabelecer uma espécie de hierarquia de algumas imagens, tampouco de eleger uma entre todas. A meta desse estudo é perceber como alguns pressupostos senão definem, influenciam a construção dessas imagens. Alguns desses pressupostos exercem uma influência que limita e apequena a experiência de Deus através de faces que se tornam verdadeiras caricaturas, seja porque são verdadeiramente preconceituosos ou se tornam tal por sua afirmação categórica, seja porque tendem a ignorar outros fatores na construção dessas imagens de Deus. Outros pressupostos são o que não apenas constituem, mas que tornam possível qualquer imagem de Deus, são eles os elementos linguísticos e culturais, os referenciais que tornam inteligíveis a simbólica dessas imagens de Deus capazes de apontar o transcendente.

Alguns desses pressupostos e, principalmente como são compreendidos, realmente dão a tônica da possibilidade de experimentar Deus. Elegemos alguns para trabalhar logo no primeiro capítulo dessa dissertação, entendendo que sua elucidação era na verdade a base sem a qual qualquer discurso sobre Deus e sobre a possibilidade de sua representação por imagens assumidas se tornaria ou sem sentido ou ao menos ambíguo de uma forma inaceitável.

A metodologia de trabalho seguirá a revisão bibliográfica, comparando textos sempre a fim de ilustrar o itinerário argumentativo proposto. Para tanto, utilizaremos obras de referência e vários artigos e comentadores. A escolha dos autores não quis abarcar toda a amplitude dos temas, mas foram utilizados os que serviam de suporte para o momento argumentativo.

Num primeiro momento nos deparamos com o conceito de Revelação. Toda possibilidade de conhecimento de Deus é a partir do que nos é revelado por Ele em sua gratuidade. Assim como toda possibilidade de experiência do divino é iniciativa da Graça. Pois bem, o entendimento de Revelação como algo engessado, acabado ou *formal* demais acarreta dificuldades para a reflexão acerca dos limites das imagens possíveis de Deus. Partiu-se então da possibilidade de se entender a Revelação de um modo muito mais dinâmico, enquanto acompanha o movimento, a caminhada da própria humanidade em busca de uma melhor consciência de si, do mundo e de Deus.

Nessa perspectiva, a Revelação é tudo! Não apenas um texto *ditado* por Deus e que deve ser conservado de forma mecânico-formal como única possibilidade de *conservar e garantir* algum critério de legitimidade das experiências de fé. A Revelação tem um caráter progressivo que leva em conta as condições de possibilidade para apreensão por cada época e cultura da mensagem revelada por Deus – inefável e *mistério*. Se é assim, então também o rosto, as *imagens possíveis* de Deus podem ser melhor compreendidas por cada cultura e época de formas diferentes, à medida que consigam ser expressas em conceitos significativos a cada realidade.

Decorrente da questão pela Revelação surge a preocupação com a legitimidade enquanto critério, em outras palavras, surge a pergunta pelo que entendemos como *Verdade*. Esse questionamento sempre caminhou muito perto da pergunta pela identidade e da busca por meios de garantir e preservar uma identidade comum, tida como verdadeira. Esse trabalho enfocará a reflexão, contraponto as compreensões grega e bíblica de Verdade, a fim de iluminar um posicionamento mais maleável, que não busque “engessar” conceitos como critério de verdadeiro ou falso. Verdade tem muito mais em comum com a compreensão bíblica de fidelidade que com a preocupação com verificabilidade grega.

No fundo, a busca mesmo é por uma linguagem que seja mais capaz de expressar a realidade transcendental numa simbologia acessível à diversidade. Se postulamos conceitos menos enrijecidos por compreensões mesquinhas de Verdade e Revelação, postula-se na verdade com isso toda uma possibilidade de linguagem mais eficaz nessa significação do transcendente. Uma das intuições valorizadas nesse momento do trabalho será a escolhida por Jesus, que não se dedicava a tratados e definições, mas que *contava histórias e parábolas* para falar do Reino. Por isso, a possibilidade de uma Teologia mais *narrativa* é o tema desse ponto da Dissertação.

Da busca por uma linguagem mais adequada percebe-se que a linguagem da experiência realmente transmite Deus que se revela cada vez. Este trabalho vai então buscar na mística elementos que possam auxiliar essa autocompreensão da busca por Deus e melhorar o relacionamento com suas imagens herdadas e possíveis. Mestre Eckhart revela através da *mística de ser e não ter* a busca pelo esvaziamento de si. Esvaziamento *gratuito*, sem o condicionante de buscar ser

preenchido por Deus, mas que reconhece no próprio esvaziar, na dinâmica da *presença na ausência*, revelação de Deus.

Com esses conceitos esclarecidos, afinal eles são fundamentais para a impostação pretendida, a reflexão segue apontando algumas imagens de Deus, por certo as mais básicas, e as apresenta nesse contexto de referenciais teóricos criado pelo primeiro capítulo.

Assim, a imagem de Deus como Pai é lida considerando a experiência de Abraão, chamado a sacrificar, oferecer seu filho pela *fidelidade* à Aliança, mas com as referências bíblicas já interpretadas nessa dinâmica assumida da Revelação.

Em referência a uma das obras de Andrés Torres Queiruga, autor de importância central nesse estudo, intitulado *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, quis-se fazer um pequeno jogo de conceitos, apresentando num primeiro momento desse segundo capítulo uma reflexão sob o epíteto *O Abbá de Isaac*, para num segundo momento continuar com *O terror de Jesus*.

O primeiro traça um itinerário, embora sem muitas pretensões nesse sentido, da importância da figura paterna/materna na formação do conceito Deus, para então passar a refletir sobre a passagem bíblica em que Abraão está disposto a oferecer seu filho a Deus (Gn 22,1-19).

Quanto a isso, a ideia central é relacionar a concepção de Verdade enquanto *fidelidade* ao evento bíblico, de forma a perceber um Deus que *não cabe em nossos conceitos* e que não pode ser transposto para uma época cujos critérios sejam outros, sem ônus em sua imagem. Segue-se a isso uma reflexão acerca da presença no contexto bíblico do tema dos sacrifícios humanos (mesmo destinados ao Deus de Israel) e do quanto isso ilustra a relatividade e temporalidade não só dos textos, mas dos critérios e valores de fé.

Em seguida, quer-se apresentar um pouco do sentido do *sofrimento* de Deus em Jesus Cristo. Chamamos de *Terror de Jesus* não o sofrimento lhe infligido e assumido por ele, mas a percepção – talvez por fragilidade humana – da ausência do Pai. Na *solidão* de Jesus na Cruz, vemos o ápice de sua entrega e despojamento, vislumbramos ainda a *kenosis* não de uma Pessoa isolada – o que não é possível na dinâmica trinitária – mas a *kenosis* do Deus Uno e Trino que no Filho sofre, e se transforma.

Toda essa caminhada de Deus em direção à comunhão plena da humanidade consigo (com Deus) é pautada e só significada na dinâmica do *Amor*. Mas Amor de verdade, concreto, puro serviço e doação. Amor que só o divino pode conceber e realizar. Pois é sempre no critério do Amor que Deus se relaciona com o ser humano. Sempre *por Amor* que sua *ação* se torna possível, necessária e desejável.

Se por um lado a imagem de um Deus que é Amor fale alto na experiência do ser humano, esse Deus também é essencialmente compreendido na dinâmica da potência, do poder. A relação entre os atributos de onipotência e bondade em Deus merecem um espaço privilegiado nesse trabalho. O ponto dois desse capítulo segundo procurará desconstruir a imagem abstrata e vazia de um Deus Onipotente, refletindo sobre os temas da liberdade e autonomia e relacionando o poder divino à sua liberdade de amar. Deus cria criadores, seres livres e justamente através da liberdade da criação que se dá sua atuação. Para isso, trabalharemos ainda o sentido e a importância do aspecto simbólico da fé. O tema da onipotência gera ainda outra discussão, acerca da presença do mal no mundo, e o paradoxo de um Deus bom que *pode tudo* e mesmo assim permite o mal ocupa a discussão do final do capítulo.

Todo o esforço até este ponto do trabalho convergiu para a superação de uma imagem intervencionista de Deus. Agindo de fora, impositivamente, Deus não pode manter sua natureza revelada em e por Jesus de Nazaré, de sumo bem e amor incondicional. A libertação dessa imagem gera algumas consequências no agir e na vivência da fé. A primeira delas é o diálogo, e esse é o tema do terceiro capítulo. Como a superação de uma imagem de Deus intervencionista e exclusivista gera abertura e até impele ao diálogo. Diálogo com o outro, e aqui aborda-se a caminhada do diálogo inter-religioso, pensando até a possibilidade de uma *teologia interconfeccional*. Daremos destaque aqui ao conceito talhado por Queiruga de *inreligiosa*ção ao refletirmos sobre a relação existente entre fé e cultura.

E diálogo com Deus, pois a oração e o relacionamento do ser humano com Deus não podem ser os mesmos que mantinha com um Deus ciumento e intempestivo, que castigava e privilegiava alguns. A oração não pode ser simplesmente de petição. Elegemos alguns exemplos de superação na oração, dessas imagens endurecidas de Deus.

Todos os passos dados até agora refletem a necessidade de superação de um pretenso dualismo na compreensão da realidade e do relacionamento com Deus. O ponto três desse último capítulo enfrenta essa temática, ressaltando que é a comunhão que gera esperança e vida nova, e não a setorização da realidade e do mundo.

Essa realização em Deus que é comunhão e vida acontece já na medida em que a *esperança* cristã é assumida e vivenciada, não em mera expectativa, mas como realidade concreta, que ilumina e transfigura a ação e a vivência da fé. A dinâmica da esperança assumida como referencial no dia a dia, nas escolhas, nas atitudes é fator concreto e referencial da experiência de Deus. O objetivo do ponto final dessa dissertação não é propor uma imagem última de Deus, mas talvez um direcionamento fundamental, a partir dessa *esperança* que não fica para amanhã, mas que se realiza já na construção do Reino de Deus.

Como esse assunto é vasto e tem incidência praticamente sobre todos os temas da Teologia, este trabalho opta pelo enfoque da Teologia Fundamental procurando construir não uma linguagem, mas uma orientação escatológica, considerando a compreensão de uma escatologia performativa como orientadora em cada discussão temática.

Essa preocupação em reler conceitos de base da reflexão teológica e mesmo da fé é típica da Teologia Fundamental. E esse é um dos enfoques desse trabalho. Contudo, quer-se desde sempre preservar um itinerário rumo à realização desses conceitos. Não ao término, mas à busca da vocação primeira desses conceitos fundamentais, que como a própria caminhada da humanidade, tendem à sua formulação definitiva nas realidades últimas. Por isso, sob a ótica e o tema da Esperança, busca-se um enfoque escatológico a fim de apontar a antecipação da realização/formulação plena desses conceitos à medida que realizam sua função/vocação a cada novo contexto, a cada nova leitura e aproximação da Revelação já plena no *evento Jesus Cristo*.

O autor que praticamente conduzirá nossa reflexão será o teólogo galego Andrés Torres Queiruga, cuja obra contempla de maneira privilegiada os temas aqui em discussão. Contudo, não se trata de um estudo sobre a obra de Queiruga, ele é um dos referenciais, o principal sim, mas não o único em quem nos apoiaremos nesse itinerário. Sempre que possível se procurará confrontar com a teologia de Queiruga as ideias de autores relevantes de forma a construir um

diálogo significativo para o tema proposto. Alguns autores a quem também recorreremos para esse diálogo é Edward Schillebeeckx, Wolfhart Pannenberg e Jürgen Moltmann, além dos brasileiros Mário de França Miranda e Leonardo Boff. Para cada tópico, entretanto, várias contribuições serão acrescentadas, de acordo com a adequação à discussão. Assim, por exemplo, na reflexão acerca do valor simbólico da linguagem religiosa e da fé, Paul Tillich e Rudolf Karl Bultmann desempenham um papel importante, e no texto sobre mística, Mestre Eckhart representa uma boa contribuição.